



ISSN 1981 - 3031

## EDUCAÇÃO, VERDADE E FILOSOFIA

Flávio Marcílio Cavalcante Silva – Colégio Contato  
fmcs13@hotmail.com

Joana D’Arc Ferreira de Macedo – UFAL  
macedojoana@hotmail.com

Rosana Muniz de Medeiros - UA  
rosana@ua.pt

### RESUMO

A educação pode ser vista como uma simples transmissão de técnicas, percepções culturais e práticas com o objetivo de manter a realidade humana como tal ou entendida como uma porta livre para o conhecimento visando uma postura crítica diante do mundo para edificar uma sociedade humanizadora e inclusiva sem formalismos ou manutenção do status quo. Naturalmente há uma diversidade de correntes pedagógicas que ilustram os dois âmbitos. A criação e efetivação destes remete a uma postura de filosofia da educação. Assim a filosofia, como primeira forma de conhecimento sistemática, apresenta ao homem a realidade e o desafia a elucidá-lo como o desafio da esfinge: “Ninguém passa sem antes decifrar meu enigma”. Enfim podemos nos perguntar: podemos chegar à verdade e como apresentar ao ser humano? Desta forma filosofia e verdade constituem pilares para que as construções pedagógicas ofereçam ao homem como sujeito histórico a possibilidade de desenvolver criticamente ciência, religião, cultura e outras posturas ou apenas reproduzir o real mantendo os interesses de alguns. Palavras chave: educação, filosofia e verdade.

### INTRODUÇÃO

We don't need no education  
We don't need no thought control  
No dark sarcasm in the classroom  
Teachers leave them kids alone  
Hey! Teacher! Leave them kids alone!  
All in all it's just another brick in the  
wall

All in all you're just another brick in the  
wall

Nós não precisamos de nenhum  
controle de pensamento  
Nenhum humor negro na sala de aula  
Professores, deixem essas crianças em  
paz

Ei! Professores! Deixem essas crianças em paz

Em suma, é apenas um outro tijolo no muro.

Another brick in the wall – Pink Floyd

A educação se tornou um fardo extremamente pesado, os indivíduos não conseguem perceber que o processo de desenvolvimento e construção material, simbólica, espiritual e histórica do conhecimento suportado na vida social, política e cultural é algo fundamental para o desenvolvimento do ser humano como pessoa única, como subjetividade e ser construtor da história. A alienação, a manipulação reificadora e o afastamento do conhecimento parecem ser um alívio ou obrigação tendo como única finalidade chegar ao mundo do emprego e trabalho. Há uma visão imediatista e mercadológica do saber e dos processos pedagógicos. Uma diversidade de ideologias capitalistas, idealistas, pragmáticas, construtivistas dominam o discurso legal que colocam o elemento educacional como uma carga ou expressam esta como simples acúmulo e domínio de técnicas e habilidades cognitivas. A letra da música acima mostra historicamente a imagem que fazemos dos seres humanos e do trato educacional na maioria de “seus lugares comuns”. Evidentemente que tal postura foi construída historicamente e culturalmente para “atender a uma demanda”. A educação não constitui um elemento fora de uma vida material e histórica, como também tenta revelar e/ou ocultar as diversas possibilidades de manifestação da verdade como também pode ser expressa e compreendida pela filosofia, pela história ou demais ciências que venham a esclarecer seus caminhos. Traçaremos um eixo tríplice para apresentar um panorama das perspectivas educacionais do ponto de vista filosófico (adotamos tal viés por acreditarmos que este ramo do conhecimento venha a possibilitar uma visão ampla e integradora de demais conhecimentos e visões de mundo de modo analítico e efetivo) além de mostrar aliar aos fatores citados algumas compreensões de verdade.

É nosso objetivo construir uma visão que expresse as relações entre estes três conceitos que permeiam a vida de qualquer pessoa. A educação pode ser vista como a relação que

o ser humano cria com o conhecimento a ele colocado dentro de um contexto ideológico – entenda-se ideologia numa perspectiva de Lukács: algo que produza sentido – e aquilo que ele faz de tal saber em sua práxis existencial. Naturalmente toda sociedade em suas contradições pode colocar o elemento cultural como algo fundamental que deve ser perpetuado pelos contextos pedagógicos. Nesta perspectiva é verdadeiro colocar que a escola e a sociedade criam “modelos” educacionais filosoficamente direcionados para um fim. Neste contexto podemos entender os meandros do conhecimento como algo que visa reproduzir a realidade, manter o status quo, buscar centralizar suas perspectivas num contexto cientificista, almejar desenvolver indivíduos críticos e questionadores do mundo, perceber o ser humano como mero reflexo de um meio e comportamentos, auferir a ele o status de um “pote” vazio a ser preenchido ou ainda um ser problematizador que perceber sua realidade podendo modificá-la e destruir sistemas alienadores. A verdade é o terceiro eixo que indica a efetividade histórica construída pelos homens tendo a finalidade de compreender a si mesmo, o outro e o mundo. Aqui temos os diversos tipos de saber que interagem com o ser humano: o mito com suas análises primeiras, a filosofia como uma análise efetiva, reveladora e modificadora da consciência, a arte como um resultado da expressão da subjetividade individual em mundo, além da religião como uma análise do homem com a transcendência e a divindade. Efetivamente nos determos no conhecimento filosófico e a partir deste analisaremos a educação e suas construções de verdade para a vida do homem como ser educacional.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **1. A educação**

Existem diversas concepções ideológicas de educação. Iremos abordar algumas como maneiras de compreender os meandros de seus discursos. Antes é fundamental perceber que:

“É Bahktin (*op. cit.*, p319) quem afirma, o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Magalhães (2003, p.75) também explicita sua posição, umindo o discurso enquanto “práxis humana que só pode compreendida a partir do entendimento das contradições iais que possibilitam a sua objetivação”, pois todo discurso tem a ver com o tipo de relação do sujeito no processo de produção da vida de uma sociedade.” (FLORENCIO, 2009, p.25)

As nossas acepções não são isentas de discursos ideológicos, todo discurso o é, assim como a educação e a filosofia. Entendemos educação como uma construção humana que deveria construir um sujeito independente e proprietário de conhecimentos para sua libertação enquanto construtor da história. Naturalmente precisamos fazer como Édipo e decifrar o enigma das diversas “esfinges” histórico-político-pedagógicas. A primeira que abordaremos é a idealista. Nela o objetivo principal seria encorajar o estudante para a busca de ideias verdadeira, encorajando o desenvolvimento do caráter. Há o foco numa percepção que o sujeito aprenda a pensar de forma independente como um sujeito que constrói seus parâmetros de interpretação da realidade, o professor é visto como portador do conhecimento, há a busca da auto-realização. Contudo “os idealistas tendem a ver a educação como sendo não para as massas, mas para uns poucos escolhidos que poderiam entendê-la e apreciá-la adequadamente; desse modo, eles se concentraram na educação das classes mais altas da sociedade” (OZMON, 2004, p. 49) Isto fica bem claro em Platão. Naturalmente as ideias representam um aspecto importante da realidade, contudo a verdade não deve ser um privilégio de alguns. Lembremos de Sócrates que conseguiu “fazer nascer” a compreensão do Teorema de Pitágoras em um escravo. Estes eram vistos como coisas animadas.

Por sua vez uma visão realista de educação interpreta a realidade como:

- “1. A realidade existe independentemente da mente humana.
2. Embora nossas representações da realidade exterior sejam feitas por meio de uma invenção humana chamada linguagem, isso não significa que o que descrevemos seja meramente subjetivo.
3. A verdade é encontrada em representações precisas da realidade independente, e uma afirmação é verdadeira se, somente se, ela corresponder aos fatos (teoria da verdade da correspondência)
4. O conhecimento é objetivo e não depende de sentimentos e atitudes subjetiva.
5. A lógica e a racionalidade fornecem padrões intelectuais do que significa ser razoável.
6. Esses padrões intelectuais não estão disposição de qualquer um, mas fornecem critérios objetivos para a excelência e a realização intelectual.” (OZMON. p. 84)

A educação se torna uma mera reprodução da realidade, a educação na verdade se transforma em um treinamento fixista e a sociedade com suas contradições e misérias algo que não pode de forma alguma ser modificada. Há um engessamento até mesmo da ciência uma vez que apenas constatamos o que está diante de nós. Assim há a possibilidade de uma manutenção tranquila do status quo. A ordem social é algo imutável. Filosoficamente falando estamos diante de uma concepção parmenídica de mundo, onde o Estado se transforma em uma figura intocável, a contestação da alienação é algo impossível. O ser humano é uma máquina de eficiência capitalista sem sentimento, sem subjetividade ou individualidade. O ponto a alcançar é a excelência – algo objetivamente colocado e desejável.

A visão pragmatista de educação está, por sua vez, centralizada na experiência humana e em tudo o que esta pode produzir. Os processos pedagógicos estão associados ao desenvolvimento humano como algo natural. O ponto central é a capacidade humana de reproduzir a cultura, a partir daquilo que nos motiva e interessa além da centralidade da questão da experiência como algo fundamental.

“O ensino torna-se um processo de ajudar os estudantes a identificarem problemas de interesse corrente, levando ao estudo do conhecimento organizado para entender como a vida social atual desenvolveu-se a partir do passado, o que deve ser mantido e o que deve ser mudado.” (OZMON. p. 159)

É algo perigoso centralizar a educação apenas no que é útil e atende aos momentos e imediatismos práticos. Isto foi muito bem feito pelos sofistas e conhecemos os resultados. Será que é possível amadurecer efetivamente e ser crítico desta forma? Naturalmente que a educação não deve desprezar aquilo que nos angustia como seres humanos, mas não deve ficar restrito a tal fator, uma vez que a verdade não é somente o que agrada.

Estamos colocando naturalmente posturas pedagógico-filosóficas que possuem uma visão de mundo, cultura e são posturas ideológicas que tendem ou não a revolucionar o ser humano em suas expectativas e possibilidades de vivência humana. Assim no reconstrutivismo o ser humano deve voltar o conhecimento e a aprendizagem para a militância pública. A construção de um indivíduo crítico, capaz de questionar a realidade em suas contradições históricas é fundamental. As noções de justiça e solidariedade universais são centrais. Os instrumentos pedagógicos devem ser maneiras de encontrar saídas para os problemas sociais. Eticamente falando isto é possível e humano, o ponto é perceber isto em cada cultura e buscar reparar qualquer problema de diversidade. Por seu turno, uma visão existencialista/fenomenológica de educação valorizará, ao máximo, a individualidade com seus meandros, problemas e unicidade. Após a Segunda Guerra Mundial, a irracionalidade e a desumanidade tocaram o ser humano de forma extrema. Não devemos esconder a verdade das pessoas, a ciência que produz curas; produz armas de destruição em massa e é serva do capitalismo destrutivo e desumanizador. A consciência e suas características subjetivas devem ser levadas em consideração quando se coloca a questão do saber. Que conhecimento é este, que didática é esta que ignora que somos lançados ao mundo para fazermos escolhas com conseqüências de liberdade avassaladoras? O ser humano é um ser-para-si, marcado pela existência única. O estudante deve perceber que existem diversas possibilidades de

verdade, que a realidade é marcada pela consciência e intencionalidade desta, bem como pela diversidade de significados e enfoques.

Por fim uma visão marxista de educação deseja romper com toda e qualquer alienação, coisificação e destruição humana por meio do capitalismo. A história, também da educação, é marcada pela luta de classes. Esta contenda esta suportada no caráter material da história. Marx bem coloca que “não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” (REALE, apud MARX, 1991, p. 194)

Uma educação com este viés revelara o que pensa o autor do livro *O Capital*:

“Marx acreditava que as classes dominantes não proveriam uma educação adequada para os filhos da classe trabalhadora, pois isso significaria a libertação do proletariado e resultaria na abolição da pobreza e do proletariado subjugado. O Estado burguês, isto é, a organização da sociedade por meio da qual as classes dominantes mantêm controle, estava baseado na contradição entre vida pública e privada. Para que o Estado pudesse servir a interesses e necessidades públicas amplas, as classes dominantes teriam de abrir mão de suas vantagens e ganhos privados, o que elas não fariam. Resumindo, o Estado burguês usou a educação para finalidades da classe dominante, e não para as das crianças ou para uma sociedade mais livre e humana.” (OZMON, 2004, p. 319)

O educador, como o filósofo não pode apenas interpretar o mundo e mostrar suas contradições, eles devem mudá-lo. Para isto é fundamental a percepção da realidade em seus íntimos ideológicos, em seus disfarces intencionais. Uma educação marxista e materialista não entende o ser humano como alguém que deve ser passivo. Por isto Paulo Freire coloca duas modalidades de educação: bancária e problematizadora. Vejamos:

“Em Pedagogia do Oprimido, ele propõe uma visão da educação baseada na libertação e no diálogo que critica a educação tradicional, a qual, segundo ele, está baseada no conceito bancário. Ao referir-se à educação bancária Freire se reporta a uma abordagem da educação na qual o professor escolhe um conteúdo e o aluno tenta absorvê-lo. O conhecimento é como um depósito bancário colocado aos cuidados dos alunos. Não é função deles criar, apropriar, mudar e moldar; ao contrário, eles estão sob o poder do depositante (o professor e o sistema social que este representa). Assim, os alunos são induzidos a reificar, a ver como necessárias e inevitáveis as

perspectivas e os valores do status quo. Nesse sistema, os alunos são dependentes do opressor para o conhecimento, e Freire acredita que essa abordagem anula o potencial criativo de quem aprende e mata suas capacidades críticas. No conceito bancário, o esforço é feito pelo opressor para mudar as consciências dos que aprendem, sem mudar as condições sociais, políticas e econômicas nas quais elas existem. Dessa forma, o opressor pode manter a hegemonia sobre o oprimido através do controle de como uma consciência individual é formada.

Freire propõe um método de ‘problematização’ que começa com o aluno como um ser ativo, ao invés de passivo. Ele retira seus conteúdos das experiências reais dos alunos e de seus desejos de expandir seus conhecimentos.” (OZMON. p. 321)

Esta pedagogia cria diversas possibilidades das supracitadas: pensar o ser humano como pessoa, subjetividade, mas também inserido num contexto social, político, material e econômico que não despreza os demais sujeitos como seres íntegros de dignidade. O conhecimento é construído também linguisticamente, ninguém é detentor da verdade. Esta histórica e não absoluta. O mundo não é estático, os estudantes não são alunos – seres sem luz – e possuem experiência que enriquecem o processo e podem ser usadas a seu favor. Há a possibilidade de unir teoria e práxis na vida. Estas pessoas são agentes capazes de intervir na realidade percebendo toda sorte de incoerências. Evidentemente que isto só se estabelece com uma revolução de costumes e ideologias. Uma sociedade capitalista, que é excludente e segregadora, fará o possível para se reproduzir em suas contradições e as aproveitar. Vejamos os processos políticos que reproduzem a miséria social e aquilo que apontamos na letra do grupo Pink Floyd. Percebamos como a violência bate à porta de todos que geram e reproduzem o mundo de vencedores e vencidos com o Estado sendo o fiel escudeiro da classe dominante. Além de toda sorte de preconceitos que divide as pessoas e se reproduz no contexto educacional pelo silêncio.

## **2. A filosofia**

Esta “forma de conhecimento” possui uma diversidade de características que indicam seus percursos no entendimento do homem, da sociedade e do mundo. Ela é uma das fontes mais ricas de compreensão dos fatores citados, além de identificar ou dar bases a



diversas posturas como ser uma forma de significação para ações humanas. Neste contexto é que colocamos sua relação com a educação. Esta, necessariamente, terá um vínculo e postura filosófica quando pensa o conhecimento, o papel deste, a relação dele com o humano, além das relações de aprendizagem e ação que o indivíduo vivenciará nos contextos pedagógicos. Isto como colocamos acima. Naturalmente a verdade será um dos focos principais das construções filosóficas que entenderão as complicadas relações entre o Eu, o Outro e o Real.

Na construção do universo filosófico ocidental algumas visões foram marcantes na definição de seu papel. Assim ela é: “posse ou aquisição de um conhecimento que seja, ao mesmo tempo, o mais válido e amplo possível” (ABBAGNANO, 1998, p. 442); ou uma forma de entendimento da realidade. Nesta segmentação três posturas se apresentam: qual a natureza do conhecimento filosófico e sua validade, para onde ela dirige seu saber. No tocante à primeira postura podemos identificar o saber filosófico como um dom exclusivo ou uma conquista humana. A percepção da exclusividade da filosofia como uma dádiva torna tal saber algo transcendente e exclusivista. Há uma forte analogia com o aspecto religioso ou vista como uma revelação ou iluminação divina. Esta postura tolhe a capacidade do ser humano de aprender ou mesmo construir o saber. Quanto à visão de conquista é já apresentada por Aristóteles onde o saber faz parte da essência humana. Ela é uma construção metodológica e investigativa que contesta a opinião como algo sem profundidade e sustentabilidade.

Nesta postura de saber investigativo se abrem três novos rumos para a filosofia: 1) ela é o único saber plausível, 2) o conhecimento está nas ciências particulares e a filosofia os unifica, analisando-os e 3) ela é uma crítica aos conhecimentos em suas possibilidades e limites que são aplicados pelo ser humano. No tocante ao item um, a filosofia é vista como o conhecimento. Não há elementos de profundidade nos demais saberes ou eles devem ser conjugados para a filosofia como coloca Hegel. Para o item dois:

“a segunda concepção de filosofia como juízo sobre o saber é a que tende a resolvê-la nas ciências específicas, atribuindo-lhes às vezes a função de unificar as ciências ou de reunir seus resultados numa ‘visão de mundo’. A origem desta concepção pode ser vista em Bacon, que concebeu a filosofia como uma ciência que, em primeiro lugar, dividiria e classificaria as ciências particulares e depois conferiria a tais ciências a posse de seus métodos, do material de que elas dispõem e das técnicas para a utilização desse material em proveito do homem.” (ABBAGNANO, 1998, p. 446)

A filosofia se apresenta como uma luz e guia para os demais conhecimentos, ela ainda detém o “monopólio” do conhecimento e última palavra sobre a possibilidade da verdade nos outros ramos do saber humano. Todo o Iluminismo adere a esta postura assim como o Positivismo. Efetivamente falando apenas após Descartes é que surge a segmentação do saber científico que visualizamos hoje com suas características metodológicas e necessidade de verticalização de modo prioritário. Na terceira aceção a filosofia é vista como uma crítica dos demais saberes, ela é um ponto de vista ou doutrina do conhecimento. Há uma séria redução do papel e impacto da filosofia na história do saber. Um dos representantes desta visão foi Locke. A filosofia contemporânea também a encara desta forma. Ela não é uma ciência como a física, é apenas crítica sobre. Wittgenstein coloca:

A filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade. Uma ora filosófica consiste essencialmente em elucidaciones. Os frutos da filosofia não são proposições filosóficas, mas o esclarecimento das proposições. A filosofia deve aclarar, e delimitar com precisão as ideias que, de outro modo, seriam turvas e confusas” (TRACTATUS, § 4, p.112)

O segundo ponto de vista que devemos perceber é sobre como podemos aplicá-la. Há duas compreensões sobre tal visão. Na primeira ela constitui apenas uma atividade humana que leva à contemplação da realidade. É algo que encontramos em Pitágoras, em Diógenes de Abdera ou ainda como uma visão de pura sabedoria. Esta aceção esta apoiada nos seguintes eixos: a filosofia se depara diante do que é necessário e, portanto imutável e ainda como uma bem-aventurança religiosa. Isto é comum entre estóicos, céticos, epicuristas. Isto está colocado também por Spinoza quando coloca que todas as coisas procedem da natureza divina. Por outro lado a filosofia vista como uma atitude

voltada para a práxis já se encontra em Platão que coloca como fundamental o rompimento da escuridão da caverna e ação para a percepção da luz/verdade. Também em Locke a “filosofia torna-se crítica do conhecimento e esforço de libertação do homem de ignorâncias e preconceitos. A mesma concepção se mantém no Iluminismo” (ABBAGNANO, 1998, p. 452) que visava romper com as noções de homem e realidade postas na Idade Média. Por fim toda a filosofia de Marx e daqueles que nele se baseiam também buscam compreender a urgência de uma ação e não somente da compreensão da realidade que nos cerca. Há a necessidade de contestar materialmente a realidade capitalista, a divisão de classes e entender a exploração do trabalho.

Portanto a filosofia não é um saber apenas contemplativo, pode se associar aos demais saberes não apenas como aprimoramento e entendimento crítico destes. Efetivamente deve se voltar para a modificação da realidade e empreender uma visão de todo que ficou perdida ou árdua diante da influência científica e sua necessidade de verticalização – fenômeno que faz com que a educação rume para uma especificação cada vez maior. O mundo e o saber parecem ser segmentados como uma régua. Cada indivíduo deve se ater, produzir, perceber e ser treinado para um milímetro do real. Os nossos estudantes não percebem quais ligações os diversos saberes têm entre si, tornando-se “míopes” do conhecer e produzir. Há um necessitarismo do conhecimento – devemos estudar e ler apenas aquilo que diz respeito ao seu mundo profissional. A verdade se apresenta apenas como uma manifestação mínima do real sobre o qual devemos nos ater.

### **3. A verdade**

Esta construção ou percepção humana pode ser percebida sob diversos prismas. Vamos abordá-los mostrando como tal fator deve ser o foco da educação e da filosofia. Há algumas possibilidades de enxergá-la: 1) como correspondência com a realidade; 2) como revelação; 3) como conformidade a uma regra; 4) como coerência e 5) como utilidade. O primeiro é o mais antigo colocado pelos Pré-Socráticos e Platão quando

coloca que o discurso é verdadeiro enquanto revela o que são as coisas ou em Aristóteles que atrela a afirmação sobre os seres ao discurso. Assim temos dois pólos de fundamentação da verdade o pensamento/linguagem e a expressão do ser das coisas. Agostinho, por seu turno, coloca que a verdade é aquilo que aparece ou que se revela ou manifesta. Naturalmente há uma fundamentação linguística e metafísica dos seres, como também fenomênica/existencial. A filosofia teria a função de percebê-los e a educação de dá acesso a tal âmbito além de indicar ao homem que este tem capacidade de acesso a este “local”.

Para a segunda acepção pode-se pensar nela em seu caráter de evidência, como em Descartes que coloca o homem como “res cogitans”; capaz de perceber as manifestações da verdade. A realidade possui uma essência verdadeira que pode ser apreendida pelo conceito como em Hegel em sua famosa frase da Filosofia do Direito: “O real é racional e o racional é real”. Há uma percepção idealista que coloca que “a Ideia é a ‘objetividade do conceito’, a racionalidade do real, mas à medida que se manifesta à consciência na sua necessidade, ou seja, como saber ou ciência.” (ABBAGNANO, 1998, p. 997). Também comungam desta percepção de abertura da verdade para o homem, a fenomenologia e o existencialismo. Para a primeira ela oferece ao homem um caminho para perceber, com a consciência intencional, que a verdade se manifesta em sua essência á nos. Já Heidegger coloca que somos Dasein, ser-aí ou abertura para o ser. Nós descobrimos o real e ele se apresenta para nós. Contudo cada abertura implica um encobrimento do ser em outros aspectos. Cabe, portanto, à filosofia e à educação apresentar o real e quebrar as vendas que existem em nossos olhos.

A terceira acepção foi colocada por Platão, ou seja, a verdade enquanto conformidade com um conceito. Há a centralidade na questão do critério de distinção:

“Verdade segundo Kant, o critério pode referir-se só à forma da verdade, ou seja, do pensamento em geral, e consiste na conformidade com ‘as leis gerais

necessárias do intelecto'. 'O que contradiz essas leis' — afirma Kant — 'é falso, porque o intelecto nesse caso contradiz suas próprias leis, portanto a si mesmo.' Todavia, esse critério formal não basta para estabelecer a verdade material, ou objetiva, do conhecimento; aliás, a tentativa de transformar esse cânone de avaliação formal em órgão de conhecimento efetivo não passa de uso dialético, ou seja, ilusório da razão (Crit. R. Pura, Lógica, Intr., III; Logik, Intr., VII)." (ABBAGNANO, 1998, p. 998)

A verdade enquanto simples conformidade com um conceito ou postura histórica serve muito bem às noções de ética empreendidas pelo predecessor de Hegel. Ela também se adequa sem problemas aos elementos científicos naturais que não interferem nas relações sociais. Se existisse uma imposição ética universal que impusesse a preservação da integridade das pessoas seria fabuloso. Sabemos que isto inexistente em qualquer país ou sistema jurídico punitivo. Naturalmente o autor deseja que o intelecto conseguisse perceber e convencer as demais mentalidades ou estas tivessem tal capacidade. Contudo, isto é impossível nas relações humanas permeadas de ideologias e interesses de classe. A educação deve mostrar que existe uma conformidade das ciências naturais com o real e que a consciência é capaz de construí-la, mas restringisse a isto.

A quinta visão de verdade como coerência pode ser percebida no contexto:

do "movimento idealista inglês da segunda metade do séc, XIX e é compartilhada por todos os que participaram desse movimento na Inglaterra e nos Estados Unidos. Aparece pela primeira vez em Lógica ou morfologia do conhecimento (1888) de L. Bosanquet, mas sua difusão se deve à obra de F H, Bradley, Appearance and Reality (1893). A crítica de Bradley ao mundo da experiência humana partia do princípio de que aquilo que é contraditório não pode ser real; isso o levava a admitir que verdade ou realidade é coerência perfeita. A coerência, porém, atribuída à realidade última, ou seja, à consciência finita ou Absoluta, não é simples ausência de contradição; é abolição de qualquer multiplicidade relativa e forma de harmonia que não se deixe entender nos termos do pensamento humano (Appearance and Reality, 2 ed., 1902, pp. 143 ss.)" (ABBAGNANO, 1998, p. 998)

Novamente esta acepção de verdade tem intenções ideológicas e sociais imobilistas e inspiradas num transcendentalismo spinoziano que percebe o verdadeiro como um ordenamento divino. Esta postura revela que não existem contradições sociais, nem exploração do homem pelo homem. Esta postura serve apenas à noção de ciência enquanto constatação fixa da realidade. A educação deve apenas mostrar a

correspondência dos dados com o mundo natural. Mesmo em pesquisas estatísticas há a possibilidade de manipulação para a distorção das finalidades das pesquisas sociais.

Por fim a visão de verdade como utilidade que mostra:

A definição da verdade como utilidade pertence a algumas formas da filosofia da ação, especialmente o pragmatismo. Mas o primeiro a formulá-la foi Nietzsche: 'Verdadeiro em geral significa apenas o que é apropriado à conservação da humanidade. O que me faz parecer quando lhe dou fé não é verdade para mim: é uma relação arbitrária e ilegítima do meu ser com as coisas externas' (Wille zur Macht, ed. Kroner. 78, 507). Foi o pragmatismo que difundiu essa noção, defendida primeiramente por W. James. (ABBAGNANO, 1998, p. 998)

A crítica de Nietzsche à noção de verdade é muito apropriada. Ela cria uma reflexão sobre a padronização cega da ciência que esquece a emoção humana e seus sentimentos e apaga a subjetividade. Enquanto encaramos a verdade como algo pragmático e útil, apenas, caímos no erro dos sofistas de criar um clube exclusivo de dominadores do saber. É esta verdade que cria a irracionalidade da guerra e da ciência que a produz ou faz avançar. A educação e a filosofia devem contestar esta visão segmentada e manipuladora. A ausência de solidariedade e percepção do outro numa sociedade de classes, movida pela miséria, apenas reproduz um mundo com indivíduos sem rosto e subjetividade.

#### **4. CONCLUSÃO**

As relações entre educação, filosofia e verdade são extremamente complexas e ideológicas (esta como algo que dá sentido ao real e as práxis). Não existem modelos universais de educação que sirvam a todas as culturas, contudo há a possibilidade de construir primeiramente sujeitos históricos e individuais capazes de contestar aquilo que é desumano e destrutivo. Não é suficiente constatar a divisão de classes ou a manipulação da verdade visando o lucro e manutenção do status quo. A filosofia não serve apenas como uma identificação passiva da verdade sem o comprometimento com o Outro. Não somos humanos sem este, construímos nossa linguagem (meio de expressão da relação humano-humano-mundo) e vivemos em um contexto que a



ISSN 1981 - 3031

educação deve ser guiada para a integração de pessoas não mercadorias alienadas e impessoais. A verdade é uma construção humana que visa perceber efetivamente a relação entre matéria e ideia, homem e sociedade além das relações de valores éticos e preservação da integridade humana.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- ABBABNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2ª ed.. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- FLORENCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. 1ª ed. Maceió: EDUFAL. 2009.
- OZMON, Howard A.; CRAVER, Samuel M. **Fundamentos filosóficos da educação**, 6ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2004
- REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario, **História da filosofia: do romantismo até nossos dias**. São Paulo: Edições Paulinas. 1991.